

APRESENTAÇÃO

ALFABETIZAÇÃO EM LÍNGUA DE SINAIS

As definições de *alfabetização* tradicionalmente se referem à leitura e à escrita, embora, hoje (2024), o termo englobe muito mais, como as habilidades de se envolver com a linguagem, construir e comunicar significados em todos os aspectos da vida cotidiana. De acordo com essa definição, o termo não se limita apenas às habilidades das línguas faladas (ler, escrever, falar e ouvir), mas também às habilidades das línguas de sinais das pessoas surdas. Em consonância com isso, e devido ao fato de que hoje os currículos de língua de sinais começam a aparecer na educação de surdos em todo o mundo, este volume teve como objetivo reunir acadêmicos de quatro países - Brasil, Canadá, Grécia e Itália - com o objetivo de contribuir com suas pesquisas sobre a alfabetização de surdos e com um foco especial na *alfabetização em língua de sinais*.

Assim, este volume inicia uma discussão sobre o significado e as formas como as crianças surdas e/ou ouvintes nativos sinalizadores - Coda (filhos de surdos adultos) - podem se alfabetizar aprendendo uma língua de sinais como língua materna ou primeira (L1). Até o momento, as crianças surdas só têm a oportunidade de se alfabetizar em línguas faladas, embora suas línguas de sinais apareçam (na medida em que aparecem) em seus ambientes escolares, principalmente como línguas de instrução e não como matérias de estudo. Além disso, no caso das Coda, essa oportunidade nunca foi dada, já que sua "audição" é equiparada ao aprendizado exclusivo de idiomas falados, embora elas sejam criadas em um ambiente nativo de sinalização.

A alfabetização em língua de sinais está em sua infância, mas os nove trabalhos deste volume abordam muitas de suas facetas. Desde o momento em que a criança surda ou Coda nasce, a jornada de alfabetização começa em sua família e comunidade. O artigo de Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado, "A língua de sinais como língua de uma geração CODA: Aprendimentos e literacia familiar", discute o significado dessa jornada, compartilhando a *literacia familiar* de quatro Coda. As habilidades bilíngues bimodais das crianças (do português, para uma língua de sinais doméstica, para a Libras e vice-versa) são o foco dessas narrativas, as práticas de arrendamentos da língua de sinais, de acordo com Vieira-Machado, bem como a língua ancestral de seus pais surdos. Este artigo levanta questões sobre as possibilidades de inclusão das línguas de sinais no currículo escolar dessas crianças ouvintes, além das crianças surdas.

Ao entrar na vida escolar, a alfabetização pode assumir várias formas, embora seu aprendizado se refira ao aprendizado da leitura e da escrita de idiomas falados como habilidades e capacidades necessárias para a vida pessoal ou profissional das pessoas. No entanto, como observam Heather Gibson e Andrew Byrne em seu artigo "Alfabetização em ASL e desenvolvimento do pensamento crítico", essas definições não abrangem totalmente a alfabetização como as habilidades necessárias para a vida cotidiana dentro e fora do trabalho ou aquelas que promovem o desenvolvimento do pensamento crítico. Em particular, elas não se aplicam explicitamente à alfabetização na língua de sinais americana (ASL). Por meio da apresentação do currículo de ASL na atual pedagogia bilíngue-biliteracia de ASL no Canadá e nos EUA, Gibson e Byrne discutem como a língua e a cultura ASL estão

conectadas ao desenvolvimento do pensamento crítico e ao uso de habilidades metalinguísticas e metacognitivas em práticas culturais e sociais. Nesse sentido, a alfabetização em ASL é vista como algo maior do que a definição das habilidades necessárias para o trabalho e o estudo, estendendo seu significado às habilidades necessárias para a vida (por exemplo, em casa, na escola, na comunidade ASL e na comunidade global).

Os artigos de Adriana Di Donato Chaves e Ednéia de Oliveira Alves, “Práticas pré-leitoras e o letramento visual com crianças surdas: Trabalhando com as instituições museológicas”; e de Cássia Geciauskas Sofiato, “Contos de repetição e acumulativos: múltiplas experiências no ensino de Libras”; enfocam a alfabetização visual da criança surda por meio da combinação de ferramentas multissemióticas e línguas de sinais. Por exemplo, Chaves e Alves discutem a experiência de alunos surdos em museus no Brasil, combinada com atividades de dramatização na Língua de Sinais Brasileira (Libras). Em seu artigo, Sofiato aborda a importância das práticas discursivas em Libras usando o poder visual dos livros infantis, mesmo quando estes são escritos em uma língua falada.

Esse poder também é discutido por Maria Mertzani em seu artigo “Livros imagem sinalizados para alfabetização em língua de sinais”, no qual ela apresenta os fundamentos teóricos para a construção de livros imagem (picturebooks) sinalizados, um novo livro visual como ferramenta de ensino e aprendizagem na sala de aula de língua de sinais como L1. Em particular, o material é uma série de livros imagem sinalizados, que integram gráficos visuais e vídeos para apoiar a alfabetização precoce de crianças surdas na língua de sinais e a prática do professor no jardim de infância e no primeiro ano do ensino fundamental. Foi desenvolvido pelo projeto *Libras em primeiro*, (2022 - 2024), com financiamento recebido da FAPERGS (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul), no programa de pós-graduação em Letras, da Universidade de Santa Cruz do Sul, RS-Brasil.

A construção de material didático também é o foco do artigo “Desenvolvimento de materiais para alfabetização em língua de sinais e na escrita”, de Marianna Hatzopoulou, Spyridoula Karipi e Vassilis Kourbetis. A exposição precoce à língua de sinais grega (GSL) promove o crescimento constante das habilidades linguísticas e facilita a aquisição da alfabetização na língua de sinais. O conhecimento da GSL também é essencial para o desenvolvimento das habilidades de alfabetização de crianças surdas e com deficiência auditiva na língua escrita da comunidade ouvinte em geral. Com base no Currículo Nacional de GSL, os autores apresentam os materiais educacionais desenvolvidos para o ensino da GSL como L1, incluindo um programa de ensino de gramática para alunos da pré-escola à quarta série, e para o apoio às famílias ouvintes de crianças surdas/com deficiência auditiva no aprendizado de línguas de sinais (SLs).

Além da visão linguística da alfabetização em língua de sinais, Maria Tagarelli De Monte, em seu artigo “Reflexões sobre Alfabetização em Língua de Sinais e Literatura em Língua de Sinais, com referência ao Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas”, reflete sobre o que torna a alfabetização em língua de sinais em um contexto em que a literatura de referência é a literatura de sinais, que vive e prospera junto com a literatura escrita mais ampla das línguas faladas. Nesse contexto, uma inclusão real dos surdos e de sua cultura de sinais deve considerar os conteúdos em sinais gerados pela comunidade de sinais e encontrar novas maneiras de incluí-los na educação de crianças surdas. Essa discussão também envolve outras formas de letramento, como multiliteracias, multimodalidade, letramentos reais, materialidade e afeto. Por exemplo, o Quadro Europeu Comum de Referências para Línguas (CEFR) evoluiu para incluir diferentes maneiras de pretender conteúdos que visam transmitir valores e ideias socioculturais.

É claro que a alfabetização em língua de sinais levanta a questão da aquisição da língua de sinais, já que a maioria das crianças surdas, oriundas de famílias ouvintes em que o coclear implante é dominante, não tem conhecimento da língua de sinais. Essa última é aprendida como L1 por meio de usuários proficientes (por exemplo, com intérpretes, professores proficientes, colegas que sinalizam) no momento em que entram na escola. Para Virgínia Maria Zilio e Pedro Henrique Witches, em seu artigo “Ambientes bilíngues bimodais: possibilidades de acolher a diversidade linguística”, a alfabetização na língua de sinais pode ser realizada junto com a alfabetização na língua falada por meio de práticas de translinguagem. Sob essa noção, eles discutem sobre um ambiente escolar capaz de acolher a diversidade linguística dos sinalizadores e de promover seu desenvolvimento, respeitando suas condições. Com base nessa discussão, há um incentivo para ambientes educacionais bilíngues bimodais que não se limitam apenas a pessoas surdas, mas acolhem outros perfis linguisticamente diversos.

Como última observação e significativa, vem a avaliação da língua de sinais dos alunos surdos. Atualmente, quando a criança surda é avaliada, a avaliação (semestral e anual) ocorre em uma L2 e não em sua L1. Felipe Venâncio Barbosa e Sylvia Lia Grespan Neves, em seu artigo “Avaliação da língua de sinais, aquisição de língua de sinais e alfabetização na língua de sinais”, discutem a necessidade de instrumentos de avaliação bem elaborados, que possam ser usados especialmente em intervenções atípicas de língua de sinais em contextos educacionais e clínicos. Em particular, os autores descrevem um instrumento de avaliação que já é aplicado na interação clínica-escola no Brasil.

O tema deste volume é extremamente importante em nível nacional e internacional no campo da educação bilíngue-bimodal para alunos surdos. No Brasil, recentemente, a Lei nº 14.191/2021 aprovou a educação de crianças surdas por meio da modalidade bilíngue. Desde então, há um interesse crescente em discutir os tipos de programas, materiais e metodologias para a aplicação da educação bilíngue. Ficamos muito gratos pelo fato de este volume com esse tema específico - Alfabetização em Língua de Sinais - ser publicado na Revista Brasileira de Alfabetização da ABAIf - Associação Brasileira de Alfabetização.

As pesquisas deste volume foram desenvolvidas por meio de uma estreita colaboração entre pesquisadores e acadêmicos surdos e ouvintes. Sua apresentação bilíngue nas páginas seguintes, contribuirá para alavancar as discussões, ampliar o espectro teórico e enriquecer o diálogo com o que foi e pode ser produzido em diferentes países.

Organizadores:

Profª. Drª. Maria Mertzani

Universidade de Santa Cruz do Sul/FAPERGS
mertzani@unisc.br

Profº. Drº. Felipe Venâncio Barbosa

Universidade de São Paulo
felipebarbosa@usp.br